

ENTÃO...
DOS LIMITES DA GRAMÁTICA
PARA O ESPAÇO DA CONVERSÇÃO

Cristiane Martins da Silva (UERJ)
crisautentic@hotmail.com

1. Introdução

Este trabalho apresenta os sentidos adquiridos pelo vocábulo *então* na oralidade à luz do paradigma da gramaticalização. Tais sentidos são provenientes do uso indiscriminado de *então* por parte dos falantes da língua e são comprovados nos registros orais apresentados nesta pesquisa.

Além disso, este trabalho apresenta a restrição de valor conferida ao vocábulo pelas gramáticas tradicionais. O conceito de gramaticalização é elucidado neste estudo, já que sua compreensão faz-se essencial para a elaboração desta pesquisa. São enfatizados também os apontamentos acerca da oralidade e da escrita feitos por Marcuschi (2010) e Fávero et al. (2009) para que se compreenda as motivações que conduzem o falante a iniciar turnos de fala fazendo o uso do item lexical supracitado.

Martelotta & Silva (1996), teóricos em que esta pesquisa se apoia, elencaram alguns usos de *então* tais como anafórico: quando retoma um enunciado; sequencial: quando organiza linearmente eventos específicos; conclusivo: quando introduz uma consequência em relação ao que foi dito anteriormente; alternativo: quando acompanhado da conjunção ou forma uma locução que exprime alternativa; intensificador: quando enfatiza um termo do enunciado; resumitivo: quando indica o resumo daquilo que foi declarado anteriormente para efeito de conclusão; introdutor de informações livres: quando apresenta uma nova informação no enunciado não estabelecendo relações com o que foi dito anteriormente.

Ocorre, porém, o uso de um *então*, cuja categorização está um tanto obscura, em função dos sentidos gerados pela sua enunciação, a qual se dá fundamentalmente no discurso oral. Essa observação motivou a elaboração deste trabalho, que consiste em analisar as ocorrências deste *então*, ao mesmo tempo obscuro e frequente no discurso oral, mais especificamente em entrevistas realizadas em programas de televisão.

O método aplicado nesta pesquisa é baseado no levantamento de ocorrências, observando as diferentes realizações de *então* na linguagem. Para tal, são selecionados alguns programas televisivos que trazem em seu formato, entrevistas com convidados. São eles: “Casos de família” da emissora SBT, “Bem estar”, “Domingão do Faustão”, “Programa do Jô”, “RJ TV – 1ª edição”, “Vídeo show” da emissora Rede Globo e “TV Fama” da emissora Rede TV. Estes programas foram selecionados pelo fato de abrangerem públicos diversos. A partir da coleta dessas ocorrências, consideram-se variáveis para se chegar às possíveis motivações que levam o falante da língua a utilizá-lo em sua enunciação.

É importante frisar que a relevância deste trabalho não está só no fato de o mesmo prestigiar os estudos sobre a língua falada, mas também de suscitar uma reflexão acerca da abordagem feita pela gramática tradicional, visto que esta não abarca todos os usos que os falantes fazem dos elementos lexicais no discurso.

Com isso, será possível verificar a “força do uso” de *então* como um recurso discursivo da oralidade.

2. A abordagem de ENTÃO nas gramáticas tradicionais

Antes de discorrer sobre o processo de gramaticalização do item lexical *então*, faz-se necessário analisá-lo sob o ponto de vista gramatical. Morfologicamente, percebe-se uma flexibilidade do vocábulo em razão de o mesmo transitar entre as categorias gramaticais de advérbio e conjunção, em diversas construções da língua.

Bechara (2003, p. 322), no capítulo que trata das conjunções, apresenta elementos adverbiais que não são conjunções coordenativas e justifica: “...levada pelo aspecto de certa proximidade de equivalência semântica, a tradição gramatical tem incluído entre as conjunções coordenativas, certos advérbios que estabelecem relações interoracionais ou intertextuais.” Neste momento, o autor categoriza *então* como conjunção conclusiva, dentre outras.

No plano dos advérbios, Bechara (*idem*, p. 290-1) observa que “... na classificação do advérbio, ora se pauta pelos valores léxicos (semânticos) das unidades que o constituem, ora por critérios funcionais...” e apresenta *então* como advérbio demonstrativo e mais adiante, como advérbio de tempo, cada qual devidamente exemplificado.

Lima (2006) cita *então* somente na classe dos advérbios e os elenca conforme as circunstâncias diversas que exprimem. O item encontra-se listado, dentre outros, como advérbio de tempo.

Já Cunha e Cintra (1985) categorizam inicialmente o item como advérbio de tempo. No entanto, os autores observam e pontuam o fato de *então*, dentre outros itens, denotar outros valores, sem uma classificação específica, o que faz dele uma palavra classificada impropriamente entre os advérbios.

Azeredo (2008) classifica *então* como advérbio de tempo, e, mais adiante, pontua o item como adjunto conjuntivo, ou seja, um termo equivalente a conjunção, com valor conclusivo. Apesar da categorização previsível conferida ao item, o autor indica uma peculiaridade de grande relevância para este trabalho: o fato de a realização de *então* se dar constantemente na linguagem coloquial.

A partir do tratamento dado pelas gramáticas tradicionais ao item em estudo, torna-se possível compreender como se dá o processo de gramaticalização de *então*.

3. Gramaticalização de *então*

Em outras palavras, gramaticalização diz respeito à transformação que se dá em uma palavra quando esta passa a adquirir características pertinentes à outra categoria gramatical.

É importante salientar que o enfoque teórico conferido ao processo de gramaticalização neste trabalho é construído sob a perspectiva funcionalista da língua, a qual estuda as regras gramaticais a partir do uso linguístico, ou seja, das realizações dos itens lexicais no discurso.

Martelotta & Silva (1996, p. 192) trazem importantes contribuições acerca desse processo de mudança linguística em operadores argumentativos e afirmam que:

Gramaticalização é um processo de mudança unidirecional, segundo o qual elementos lexicais e construções passam a desempenhar funções gramaticais, tendendo, com a continuidade do processo, a assumir novas funções gramaticais. Com a gramaticalização, o elemento tende a se tornar mais regular e mais previsível em termos de seu uso, pois perde a liberdade sintática característica dos itens lexicais, quando penetra na estrutura tipicamente restritiva da gramática.

Diante desta definição, torna-se perceptível a gramaticalização de *então*, principalmente no discurso oral. O fragmento a seguir evidencia a existência deste processo. A apresentadora de um programa de televisão pergunta a uma de suas convidadas:

Angélica: ...e a cobra?

Giovanna: *Então*, a cobra... toda... toda vez a Cláudia vinha e falava “Ah, Giovanna tem a dança dos sete véus, tem a dança do... candelabro, tem a dança com a cobra” ... e aí eu falava na época com a Glória, com o Jayme “aí posso dançar com a cobra? ... posso dançar com o candelabro? ... eu posso ... cada hora ... né, eu queria fazer uma coisa diferente pra cena ...e tal ... e aí um dia teve a oportunidade de fazer o lance da cobra (risos)...”

O registro apresentado acima apresenta claramente a mudança de papel exercida pelo item *então* no discurso. Neste evento conversacional, o elemento inicia um turno de fala, sem correspondência alguma a quaisquer elementos do discurso. Este uso de *então* na conversação torna-se cada vez mais comum, e comprova seguramente não só sua flexibilidade como item lexical, mas sim sua gramaticalização.

Assim compreende-se o fenômeno da gramaticalização como o percurso de um item lexical ou construção linguística por diferentes funções gramaticais, passando a desempenhar novas funções no discurso, tais como sua própria organização e a construção de estratégias de interação.

4. Os diversos usos de *então* como operador argumentativo

No estudo das ocorrências de *então* no discurso, constata-se que este item desempenha funções diversas que não as de marcador de tempo, as quais se direcionam para a organização da argumentação no enunciado. Nesse plano, *então* ganha status de operador argumentativo, ou seja, um termo cuja utilização está voltada para articular estratégias argumentativas do discurso. Martelotta & Silva (2004, p. 84) propõem uma definição para operadores argumentativos da seguinte forma:

Operadores argumentativos são elementos mais voltados para a organização textual. Seus usos apresentam maior regularidade, na medida em que seu ponto de partida, na grande maioria dos casos, se identifica com advérbios, que vão passando sucessivamente a apresentar novas funções de caráter gramatical.

Neves (2011) observa em seus estudos que *então* desempenha papel de advérbio juntivo com valor anafórico, ou seja, advérbio que promove junção de orações.

Já Castilho (2010) assinala *então* juntamente a outros advérbios, como advérbio dêitico de tempo, utilizado nas construções gramaticais sem necessariamente especificar tempo, podendo indicar quaisquer outras dimensões.

Ao analisar as realizações do operador argumentativo na oralidade, Martelotta & Silva (1996) classificaram os usos de *então* como anafórico, sequencial, conclusivo, alternativo, intensificador, resumitivo e introdutor de informações livres. A seguir, são apresentados excertos de alguns destes registros e suas classificações.

4.1. Então anafórico

... eu acho que isso é um elemento muito importante... porque a televisão tem um alcance popular magnífico... começa a ouvir... a tomar conhecimento de informações as quais até *então* não tinha acesso... por quê?...

4.2. Então sequencial

... fui/ ao banheiro, para escovar os dentes. Entretanto, já no banheiro,/ saiu debaixo do cesto de roupas, uma grande aranha, marron, horrorosa!... Eu dei um berro (pois morro de medo de aranhas), e ela continuou lá. Dei outro berro, e *então* ouvi meu pai dizer: “corre, filhinha...”

4.3. Então conclusivo

... ao saltar do carro Marcelo tentou conversar com Neuza, para que entrássemos em casa sem acordar os pais de Márcia. Mas a nojenta da garota em vez de ajudar a irmã ficou reclamando e falando besteiras, *então* Marcelo deu-lhe um fora curto e grosso...

4.4. Então alternativo

... eu acho que esse negócio de aula à tarde deveria acabar *ou então* a gente entrar em férias mais cedo...

4.5. Então introdutor de informações livres

Esta ocorrência de *então* se dá quando o item apresenta uma nova informação no enunciado não estabelecendo relações com o que foi declarado anteriormente, nem com o que será declarado posteriormente ao seu uso.

Em sua irreverente crônica “Velhas e novas implicâncias”, publicada em um jornal de grande circulação, João Ubaldo Ribeiro já observara essa ocorrência de *então*, a qual ele alude de forma bem-humorada:

E o “então”? Observem como é cada vez maior o número de pessoas que inicia uma resposta com um “então” de significado obscuro. “Você foi lá hoje?” perguntamos. “Então”, começa a outra pessoa. “Não, não fui.” Acho que já tem gente que só responde depois de dizer “então”, deve ser cabalístico. (RIBEIRO, 2011)

Tal observação do cronista supracitado configurou o direcionamento para a realização desta pesquisa. Para comprovar a “força do uso” deste *então* foram coletados registros orais em entrevistas televisivas, voltadas para públicos diversos. A seguir uma breve amostra dos registros.

- (1) O apresentador Fernando Rocha, lê a pergunta do internauta para o médico convidado:

Fernando Rocha: “É verdade que a síndrome só acaba quando a mulher entra na menopausa?” A Natália que tá querendo saber doutor José Bento?

José Bento: *Então*... na verdade Natália o que acontece quando cê entra na menopausa cê acaba a... a... a... nun... não produz mais aquela quantidade de hormônio que você produzia...

- (2) A apresentadora Cristina entrevista Rose, uma mulher agredida pelo marido:

Cristina: Peraí... como é que ele faz bico se ele dorme?

Rose: *Então* mas de vez em quando... mas quando ele tá em casa ele dorme o dia inteiro.

- (3) A repórter Mariana Gross e Fábio Júdice entrevistam o cantor Luan Santana:

Mariana Gross: Agora, Luan... esse show... que repertório você vai tocar nesse show? quer dizer as fãs querem saber todas as músicas... coma... como é que vai ser isso?

Luan Santana: *Então* o nosso... o nosso show vai ser é... baseado no DVD mesmo ao vivo no Rio...

Ao analisar os registros apresentados e os demais que integram o corpus da pesquisa, constata-se que não há restrição geográfica nem regional que restrinja o uso do item lexical pelos falantes. A maior parte das ocorrências se dá com falantes do sexo feminino, embora nos exemplos apresentados dois falantes representem o sexo masculino, e, em relação à escolaridade dos falantes, percebe-se uma diversidade, visto que abrange tanto o primeiro grau completo ou incompleto, quanto o segundo e terceiro graus completos.

Embora o status de operador argumentativo seja coerente para o estudo de *então* na oralidade, devido as suas propriedades e funções desempenhadas no discurso, deve-se considerar também uma análise do mesmo adotando outra ótica: o item *então* sob o status de sinal conversacional verbal. Tal denominação é conferida por Marcuschi (2007) que realizou uma breve análise sobre marcadores conversacionais e elencou *então* dentre tantos outros muito frequentes na conversação.

Fávero et al. (2009) compartilham a mesma ótica de Marcuschi e listam *então* na categoria de marcador conversacional. Devido as peculiaridades de seu uso, observadas nos registros orais coletados, e a partir dos enfoques teóricos apresentados nesta pesquisa, verifica-se que *então* introdutor de informações livres, proposto por Martelotta & Silva (1996) constitui um marcador ou sinal conversacional introdutor de turno. Tais marcadores estruturam a fala, desempenhando funções de cunho interacional, que visam a coesão, a articulação do texto falado. Podem surgir na conversação como pausas, hesitações, enfim, recursos dos quais os falantes se utilizam para expressarem-se da melhor forma em um evento interativo de fala.

5. Considerações finais

Para compreendermos as propriedades e a abrangência de *então* assim como seu uso introduzindo uma sentença enunciativa, precisamos saber que marcadores conversacionais são recursos disponibilizados pela língua, inerentes à mesma em sua modalidade falada, e, essenciais ao falante para a organização do seu discurso. E concluímos que *então*, exerce

os dois papéis, tanto de operador argumentativo, quanto de marcador conversacional verbal, a depender do evento de fala.

Embora nosso estudo esteja voltado para o âmbito descritivo da língua, suas contribuições são essenciais para professores, autores de livros didáticos, dentre outros que atuam na área de ensino de língua materna, visto que o conhecimento fomentado acerca da língua falada deve ser parte obrigatoriamente integrante da formação pedagógica e intelectual desses profissionais.

Acreditamos que a relevância deste trabalho está também no fato de o mesmo contribuir para o desenvolvimento de estratégias, pesquisas e projetos que enfoquem o trabalho com a oralidade, principalmente no meio acadêmico, para alunos de graduação e especialização, que futuramente estarão atuantes em salas de aula e no meio acadêmico.

Durante a elaboração desta pesquisa, verificamos a importância de estudos mais direcionados e aprofundados sobre a língua falada. Gramaticalização é um assunto extenso, o qual merece um enfoque maior, pois nossa língua evidencia muitos itens lexicais inseridos nesse processo. Estudar o processo da discursivização também é importante para compreendermos melhor como o falante opera e constrói seu discurso, suas intenções, e de que estratégias ele dispõe para fazê-lo. O item lexical *então* ganhou ênfase neste estudo para comprovar o que já dissemos anteriormente: quando tratamos de língua, tratamos de um organismo vivo, mutável, e flexível.

Devemos nos livrar do preconceito e da ideia de que a língua falada é inferior, deficiente quando comparada à língua escrita. A riqueza da nossa língua se processa à medida em que conseguimos aliar fala e escrita na finalidade de cumprirmos perfeitamente nossos propósitos comunicativos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2008.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

CASTILHO, Ataliba T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. 1 ed. 1ª reimpr. São Paulo: Contexto, 2010.

CUNHA, Celso Ferreira da; CINTRA, Luis F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha V. de Oliveira; AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de. *Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna*. 7. ed. São Paulo, 2009.

LIMA, Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 45. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da conversação*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2007.

_____. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; SILVA, Lucilene Rodrigues da. Gramaticalização de então. In: ____; VOTRE, Sebastião Josué; CEZARIO, Maria Maura. (Orgs.). *Gramaticalização no português do Brasil*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.